



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

24 DE OUTUBRO DE 1964  
ANO XX — N.º 538 — Preço

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS

FUNDADOR Padre Américo

VALES DO CORREIO PAPA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* PUINZENHA  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## DOCTRINA

**D**IANTE de tantos casos que nos aparecem, cada vez mais se me impõe o pensamento de que, embora por bem, estamos sendo cúmplices de uma grande desordem social.

A «Obra da Rua» começou a sua acção, vai para 25 anos. Seria lógico pensar que, sendo ela um remédio para uma determinada enfermidade social, esta iria melhorando com o tempo. Pai Américo escreveu que a tendência da Obra deveria ser o seu desaparecimento, por desnecessária.

Pois não é isso que acontece. Tendo crescido e aquecendo hoje às suas doze lareiras a passar de 700 almas, entre gaiatos e doentes do «Calvário», quotidianamente nos encontramos com a dor de sabermos que nem outros 700, nem sei quantos mais 700 lugares, seriam bastantes para fecharmos esta chaga do rapaz e do doente abandonados.

Não que duvidemos do valimento do bem prestável apenas a 700, por serem mais os que permanecem no seu abandono. Dos que assim pensam, estamos ouvindo Pai Américo a chamar-lhes: «Preguiçosos...» «Um só que se salvasse e valeria a pena! Mas eles são tantos... Mas eles são tantos...»

Porém, dos que permanecem no seu abandono, queremos permanecer nós inconformistas. A inquietação é o estado normal de quem se não sente estável. Deverá ela ser um estímulo para que os homens se dêem a realizar a estabilidade de que a Justiça é a condição.

Ora no caso do rapaz abandonado será a solução multiplicar indefinidamente as Casas do Gaiato? Todo o remédio que entretém a dor, mas não cura, chama-se um paliativo. Terapêutica inteligente é ir à causa da dor e pôr aí o remédio adequado — nem que a sua aplicação também provoque dores.

Na raiz do abandono de uma criança está a dissolução de uma Família. É o enfraquecimento da instituição familiar que gera o abandono dos filhos. E se a Família é a célula da sociedade, quem se admira de que esta se apresente enfeada e instável?! Por isso Pai Américo escreveu: «Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão». Por isso ele instituiu a sua Obra à maneira de uma Família que se oferece aos sem Família.

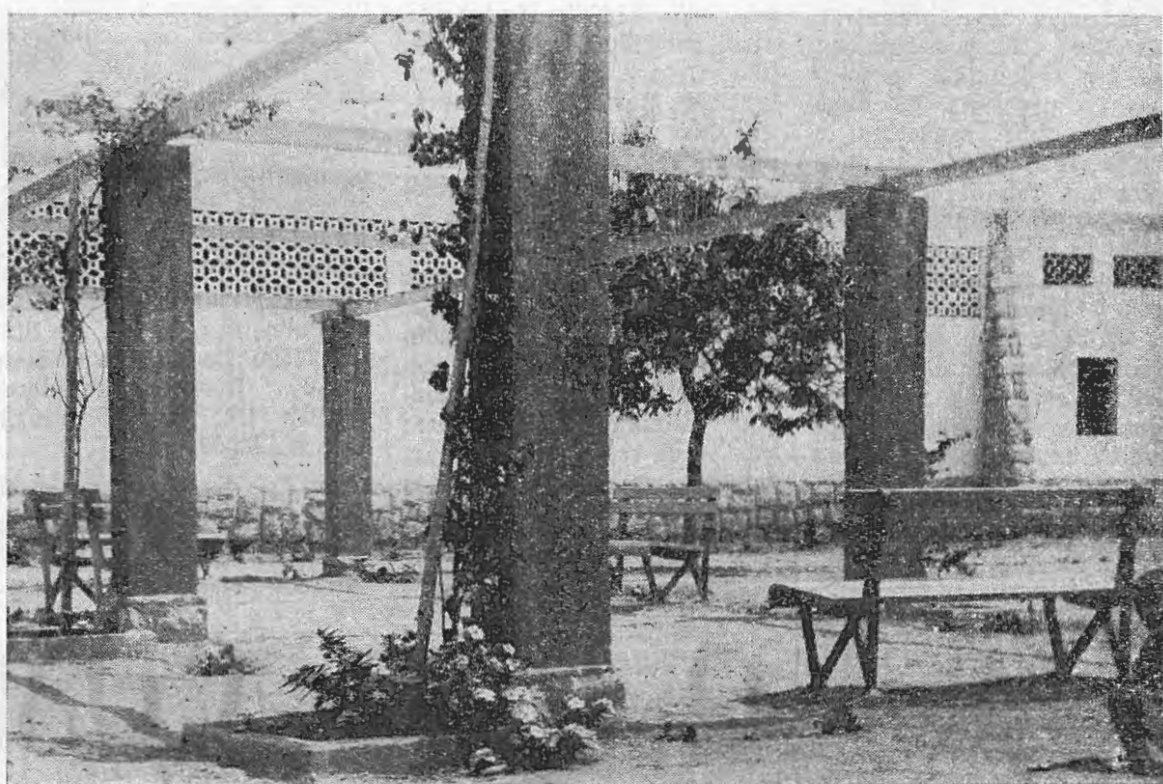
Mas entre os que precisam de nós, nem todos deveriam ser considerados sem Família. Há-os que a perderam pela morte. Há deles que a perderam pela invalidez que a doença produziu. Há-os, pela incapacidade pedagógica dos do seu sangue. Há-os pela inexistência original de uma Família: filhos de pai incógnito e até filhos de pais incógnitos, que os temos entre nós.

Ora estes últimos, pelo menos, e aqueles cujo abandono resulta da demissão dos seus deveres pela parte dos pais — são um poço sem fundo enquanto a Autoridade se conservar também demitida e as leis dos homens forem omissas e vazias de mentalidade iluminada pela Justiça cristã, que é sempre a grande defensora dos direitos humanos.

Quando é a morte a causa de certa dissolução familiar, talvez ainda dentro da Família se possa solucionar o problema da criança. E se a dificuldade for só de ordem económica sempre será mais barato remediá-lo com um subsídio a alguém de sangue que se ocupe da criança.

Quantas pequeninas ajudas não estabeleceu Pai Américo a mães viúvas, capazes de educar

Continua na SEGUNDA pág.



Um belo recanto da Casa do Gaiato de Benguela!

## AREIAS DO CAVACCO

Estas «Areias» saem hoje para a rua cobertas de angústia. É o António, de seis anos feito em Abril, que as faz sofrer.

O pequeno bate-nos à porta, agarrado a mão amiga, e traz consigo esta carta de apresentação: «António. A mãe é vã e nem os filhos a conhecem. O pai cumpre uma pena por crime cometido, há anos, e ainda lhe falta cumprir uns 30 anos de cadeia. Encontra-se no Rogadas. Eis a verdade nua e crua!»

Não seria preciso mais nada. Não seriam precisos mais papeis, nem nada a que as leis burocráticas costumam obrigar a quem quer dar um passo em frente. A inocência comprontada desta criança, mais a vadiagem da mãe, mais a prisão do pai e o futuro sem esperança do pequeno, eram argumentos suficientes para entrar em nossa Casa.

Mas não. E está aqui a razão porque estas «Areias» hoje saem a sangrar. É que o António

tem de esperar mais uns dias até que apareça uma cama um cantinho onde o colocar. Quem há para aí que não sofre ao ver o sofrimento alheio? Quem há que resiste ao sofrimento é injusto?

O António, de seis anos, sofre inocentemente. De quem a culpa? A sociedade que assiste impassível à passagem da mãe vã; que permite que, no seu meio se criem mães e pais vadios, também é a grande culpada. Vamos recolher em nossos braços António. A alegria será grande quando o pudermos ver sentado à nossa mesa e a admirar em cama lavada; quando pudermos beijar como só os pais sabem beijar os filhos.

Também és responsável. Ajuda-nos.

Entre há dias, na oficina de sapataria. O mestre é um rapaz dos nossos. Mais vel

Continua na QUARTA pág.

## Setúbal

Por  
PADRE  
ACILIO

Máquinas de descascar batatas — quem nos dá duas? Eu nunca pedi nada de especial. Tenho comprado o que temos, que é infra-rudimentar. Agora vejo-me obrigado a pedir. Não tenho dinheiro nenhum. As obras levam-nos tudo e enchem-me de preocupações.

Peço duas. Não é demais. Uma para Casa e outra pró Lar. Não temos quem descasque as batatas em Casa. «Freixedas», que é chefe da cozinha e que há um ano substituí com vantagem uma senhora, tenta fazer o 2.º ano do Liceu

num ano só e tem de continuar no seu posto. «Freixedas», pela limpidez do seu carácter e pelo apuro e brio no desempenho de seu cargo, merece ser ajudado. Quem lhe dá a mão?...

No Lar todos os rapazes trabalham e estudam. Durante as férias, depois do trabalho, descasavam as batatas — mas agora? Não há outro remédio! Comem-se só com pele. No Lar almoçam ordinariamente quarenta rapazes. Em Casa a ca-

Continua na SEGUNDA pág.

# DOCTRINA

Continuação da PRIMEIRA página

os filhos! É mais difícil quando é o pai quem fica, se não há mulher na Família capaz de substituir a Mãe!

Se a incapacidade é física e dela resulta que os Pais ou os parentes não têm nem podem ter mão nas crianças — também se justifica o ingresso destas noutra Família capaz de as formar.

Mas que sejamos perseguidos por mães solteiras e por mulheres abandonadas, que (ou elas mesmas, ou alguém por elas) nos vêm trazer os filhos para que os façamos nossos, deixando impunes na sua inconsciência e na irresponsabilidade os homens que os geraram, ou os pais que os abandonaram — isso é o nosso escrúpulo de cumplicidade na desordem social que a imoralidade, e a fraqueza da Autoridade produzem.

Ainda há momentos daqui saíu um Mãe de quatro filhos, a pedir

ao menos que lhe ficássemos com os dois mais pequeninos, «para poder ir ganhar alguma coisinha» — que o homem lhe fugia e gastava tudo em vinho.

Mas haverá dever humano mais fundamental do que cuidar um pai dos seus filhos? E onde está a lei (ou quem na cumpra pronta e eficazmente) que chame este homem a contas e o faça cumprir o que a sua má consciência não?

São esmagadora maioria em nossas Casas os filhos de pai incógnito. Temo-los irmãos de mãe. Veio o primeiro. Passado tempo aí vem ela com o segundo. — Mulher que faz você?...

Ela promete e repromete emenda. As vezes volta terceira vez, porque lhe cedemos à segunda, doidos com a má sorte do inocente. Ela é culpada; mas há outro, pelo menos tão culpado como ela. E esse nem aparece — nunca aparece — cobardeamente incógnito!

Ela é culpada; o outro é culpado — mas quem se ocupa desta culpa?...

E os filhos sem Família vão-se multiplicando, como se fôra normal este modo de nascer e não fôsse enfraquecendo uma sociedade que aceita de mãos caídas esta anormalidade.

Por isso nos preocupa o pensamento de, embora por bem, estarmos a ser cúmplices no aumento de uma grave desordem social.

## SETUBAL

Cont. da PRIMEIRA página

pacidade tem de servir os cento e quarenta que eles são ao todo e onde passam os fins de semana.

Depois vem a economia. Eles a descascar batatas, se não há olhos em cima, tiram-lhe metade. Eu comprei há um mês duas toneladas de batata; deram-nos mais onze sacas delas e já não temos nenhuma!

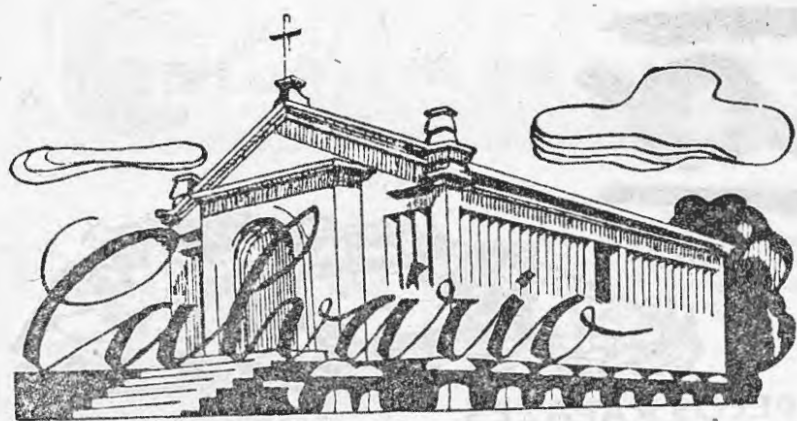
As maquinazinhas poupar-nos-iam muito!

Eles não gostam de descascar batatas e o proveito educacional por esta operação, dentro do nosso ambiente, não tem sido de entusiasmar; antes pelo contrário, parecemos-nos que os prejudica.

Outro pedido. Não é por ser maré deles. É que as necessidades e a urgência dos objectos chegaram ao ponto limite.



Continua na TERCEIRA pág.



Esta carta atravessou Portugal inteiro e veio aqui parar. Vem de longe. Do Algarve. É um S. O. S..

«A elevada consideração de V. R.» que nos indicaram como sendo a única pessoa que pode ter a bondade de solucionar o problema de duas infelizes (mãe cancerosa e filha paralítica) as quais, por não terem familiares que as tratem, nem vizinhos que o façam, se encontram abandonadas à sua triste sorte, junto tenho a honra de enviar o Res. do Proc. Fam. solicitando o bom acolhimento de V. R.».

Esta carta não é um apelo a obra singular; muito menos a pessoa determinada. É brado tremendo por abrigos acolhedores de abandonados. Andamos tão longe ainda do verdadeiro conceito de assistência social! Medramos tão nada no amor dos outros!

Depois de a ler senti desejo enorme de saltar até ao Algarve e carregar esta aflicção. Se nós fôssemos ilimitados cá em Casa... Assim, sofremos mais, porque não damos a mão àqueles que precisam.

Dar a mão. Não são outra coisa as presenças que se seguem.

Angélica com 50\$.00 Com outro tanto, paroquiana de S. João de Deus, mãe de sete filhos, que tem vindo um ror de vezes, anónima da Rua das Papoilas, Celeste do Fundão, Beatriz de Coimbra, Maria Augusta, Mariana e Alice. Hortense com 200\$.00. Doente para doentes, com 20\$.00. E com a mesma quantia uma Maria, uma assinante, Maria Só, viúva de Africa, Serra, Regina, Princeplina e M. J..

Doadora de sangue torna com sua migalha mensal. Anónima de Tomar com mil. Maria Amélia com 100\$.00 e Rosa outro tanto. Alberto com 30\$.00. M. Sousa com 100\$.00 «por alma de minha mãe». Em sufrágio de sua mãe este filho vem vezes sem conta com 100\$.00. É do Porto. Chama-se António. Alguém com 500\$.00, pede perdão de ser tão ingrato pelos bens que o Senhor lhe tem dado. Maria da Saudade com 60\$.00. A Escola Josefa de Óbidos está presente com 660\$.00. Portuense com 100\$. Com igual migalha Conchita, e Branca. Mãe de Oeiras com a migalhinha do costume. Manuel Pinto com os cem mensais, para a família de sempre. Mãe e duas filhas com

o aumento de ordenado, 250\$. Cruz da Beira com 100\$. Avó com outro tanto. Rosinda com 30\$.00. Bartolomeu de Leiria com 500\$.00. Assinante de Lisboa com 115\$.00. Outra de Viseu com 100\$. Peadora com 400\$. Celeste do Restelo com 1.000\$.00. Maria Isabel lembra-se dos meninos doentes, e reparte com eles. Rosa Branca com mais 100\$.00. Manuel Leite com o dobro. Cliente da Tipografia com 2.000\$.00.

Para o Campo Santo alguém (um industrial do Porto) (Há tantos industriais!) vem com dez mil escudos. Anónimo com 50\$.00. São migalhas de tamanhos diferentes, mas quem sabe se de valia igual? Aguardamos mais delas. Duas

Marias com 20\$.00, prometendo tornar. Uma operária com 200\$.00. Amiga de Palhaça com 250\$.00.

No Montepio Geral em Lisboa juntaram para o Calvário donativos que preferiram 2.485\$.00. São amigos da capital. Alguns da primeira hora.

Na véspera de intervenção cirúrgica um doente manda 20\$.00.

Agora estão aqui presenças para sufrágios. Por M. Augusta. Por José. Por Adelaide. É a filha com 250\$.00. Por Manuel, Ana, António, e Joaquina 500\$.00. Alguém vem festejar os 40 anos do casamento dos pais.

Do Porto 100\$.00. De Ponta do Sol, Madeira, 1.000\$.00. De Lisboa dizem: «meu filho faz hoje anos e desejamos estender a nossa festa à família do Calvário». Da R. dos Combatentes, de Aveiro, 1.000\$.00. De V. Real de S.to António 250\$.00. De Tomar 500\$.00. De Braga 40\$.00 mais 20\$.00. De Lisboa 100\$.00. De Gemena-Congo outros 100\$. De Leça da Palmeira o dobro. De Sintra 20\$.00. Da Soc. de Cristais 100\$.00. Dos Restauradores 200\$.00. Da Av. do Brasil, Lisboa 100\$.00.

P.e Baptista

## O QUE NOS DÃO No Topal

QUANTAS vezes, amigo leitor, já te aconteceu teres tanto que fazer e não saberes por onde começar? É exactamente o que me preocupa ao querer fazer uma relação da tua generosidade. São tantas cartas, tantos vales, tantas roupas, enfim, mil e uma coisa que nos chegaram, que justificam plenamente a incógnita que pressinto quando pergunto a mim mesmo: por onde começar? Mas tentarei ser fiel às datas, e a procição desfila imediatamente. Muitas assinaturas liquidadas: Manuel Rocha, assinante 6572, e A. Marques, com: 100, 60 e 100, respectivamente; alguns anónimos entregaram 2.000, 50 duas vezes, 500, 2.500, 6 vezes 20 e 250; mealheiro do Cabeleireiro Estrela, 866\$.20; Senhora D. Nelly, 500 para o carro e mais 300; assíduos subscritores de Loures, 5 vezes 80+170; empregados da Sociedade de Prod. Lácteos, 600+756;

M. L. Dias 100; Sánitas 100; C. Moura 300; assinaturas em casa da Mãe Irene, 400; Junta de Freguesia dos Anjos, 50, e um grupo de empregados dos C. T. T. 250; sempre lembrados com grande carinho, por alguém da Praça de Damão, com 500 e mais 1.000; Senhora D. Olinda, 350+120; Dr. Ribeiro, 100; sempre presentes, os grandes amigos da Mobil: 695 + 868 + 675 + 753 + 1054 + 969 + 2085 + 615; mais assinaturas: 100, 100 e 20; Major A. M. O. «para rezarem pelo bom êxito da minha missão», 100; Senhora Graham 50 + 50; assinaturas de Fanhões, 360; Rocha 150; D. Ondina, 100+60; D. Alice entrega de algumas assinatu-

ras, 100; «uma migalhinha», 20; «para as amêndoas», 50; de José Ferreira também para as amêndoas; 500; D. Dolores, 50; D. Noémia, além de todo o seu carinho e amor pelos gaiatos, muita carne para o almoço.

É uma procição grande durante todo o ano, mas, nas alturas do Natal e da Páscoa, ainda mais se sente o bafio caridoso de Deus, manifestado através dos homens. Reparemos no tão elevado número de presenças já citadas, e aquelas que ainda seguem: muitos nos têm visitado, contribuindo de muitas e variadas formas: 500, 4 vezes 100, outro tanto com 50, e muitos e muitos com 20; assinatura, 50; Banco de Portugal, 500; muitos donativos quase sempre «para o que melhor entenderem»: 2 vezes 20, outras tantas de 100; assinatura de Queluz 50; L. O. C. de S. Sebastião, 146\$.50; «amiguinha de Mosca-

vide» 20; Governo Civil 3.000; mais assinaturas de 130, 150, 100 e 200; das Senhoras inglesas, 500 + 760 + 100, muitas roupas e ainda outros artigos. Eis uma prova evidente de que a caridade e o amor não distinguem latitudes. Os nossos amigos de Lisboa corresponderam inteiramente à festa do Monumental, e o resultado é concludente: bilhetes, 15.160\$ e capas 15.467\$.00. Mais de 30.000\$ além de muitas lembranças daqueles que lá não puderam ir. A Buecelense emprestou-nos autocarro para transportar os rapazes para a festa. E os bilhetes-passes anuais também cá chegaram. Obrigado. Lembramos também a camionagem «Claras», que nos tem oferecido as passagens para os vendedores das Caldas e Nazaré; mais assinaturas: 50+50; Eng.º Severo, 100; visitaram-nos os alunos do Liceu Pedro Nunes, que deixaram uma lembrança para juntar à sua visita amiga: 440; também nos visitou a Escola Académica, com 280; Mons. Correia 130, «para dois pães»; Conferência das Caldas 50; Mrs. A. Murray, 530 e roupas; «Por alma dum amigo da Casa do Gaiato», 100; de alguém 40; do sempre amigo e reduzido grupo de empregados da L'Air Liquide, 8 vezes 20; «mãe agradecida», 1000\$.00; muitas tintas para a



# Uma carta



Parece que nada revela de extraordinário esta carta, de tão vulgares estas presenças de primeiros ordenados entre os donativos que nos chegam! E no entanto há nela uma novidade pouco habitual, que me dá o não resistir a publicá-la. Eu conto.

Este estucador teve uma crise na vida por falta de saúde. Apareceu-nos. Não o conhecíamos; e trememos de não ser bem empregue a mão que lhe demos. Aparecer, aparecem-nos tantos que não conhecemos, nem é fácil conhecer!... E tantas vezes nos arrependemos já de termos feito mal por bem!... Não admira, pois, que temêssemos diante deste homem sucumbido pela doença e miséria consequente.

Pois ele aí está. Arribado de saúde e estabilizado pelo novo lugar que desempenha, lembra-se da mão que o ajudou a não ficar caído nos dias maus e restitui em caridade o que por caridade o amparou. Lembrar-se — eis a novidade de pouco habitual!

**«Senhor Padre**  
Esta é a minha segunda carta que escrevo a V. R.<sup>a</sup>. Na primeira carta que escrevi ao Senhor Padre mandei-lhe 20\$00 pela minha assinatura anual. Pois agradeceu a V. R.<sup>a</sup> quando enviaste o nosso e tão querido glorioso que o mandasse para o N.º 65 e não 78, pois que mudei de casa assim como também, graças a Deus, de profissão. Pois era estucador e agora

Uma máquina de lavar roupa! Não temos lavadeiras! É necessário andar sempre a jeito delas senão vão-se embora. Ganham vinte e quatro escudos por dia. São quatro. A roupa não está pronta a tempo. Estraga-se muito com o esfregar. O sabão leva-me mil escudos mensais.

Uma máquina de lavar roupa resolveria tantos problemas!

Eu gosto tanto de ver os rapazes lavados. O sábado à noite tem as horas mais lindas da nossa Casa. Banho tomado e roupa lavada! Caras alegres, sorrisos francos dão-nos a sensação do seu apreço pela higiene. Muitos precisam de mudar de roupa duas vezes por semana e não é possível. Eu há dias vim dar em Casa com um espectáculo inédito. A Senhora Professora mandou tirar as camisas aos rapazes e vestiu-lhes bibes. Nós somos contra as formas. Os rapazes estavam todos de bibe! Eu ri-me e depois fiz cara feia. A Senhora justificou-se, e com toda a razão: «Veja as camisas deles!»

Ela deve ter-se rido de mim! Uma máquina de lavar roupa resolveria tudo! Hoje não quero pedir mais nada! Fica prá outra vez!

sou contínuo da Filantrópica da Universidade. A minha vida melhorou já um pouco mais. Prometi dar 10% do meu primeiro ordenado como funcionário público aos Pobres. Como só trabalhei, ou antes, fui nomeado e tomei posse no dia 11, só recebi portanto 20 dias. Os 10% são 82\$30. Dei 42\$50 a uma velhinha de 80 anos que não tem

ninguém neste mundo a não ser Deus e boas almas que a amparam. Restam 40\$00 que envio ao Senhor Padre para os bons e belos rapazes do P.e Américo. Agradecia que mandasse publicar no nosso glorioso se estou em ordem ou se tenho algum ano atrasado. Despeço-me e pedindo perdão por este tempo roubado, beijando-lhe a mão».

## TRIBUNA de Coimbra

Escrevo esta ao abrigo de uma oliveira no Olival da Mina. Ouço o ruído de avião que passa por cima das nuvens. O tempo hoje já fez muitas caras: de noite choveu; o romper do dia esteve fresco; ao começar do trabalho o sol rompeu e apareceu triunfante; agora há nuvens cinzentas e nevoeiro na serra; o resto do dia Deus o sabe.

Celebrei cedo e puz a Mesa do Senhor aos que quiseram. Tomei o café e parti para aqui Organizado o trabalho, fiz a oração oficial da Igreja pelo breviário, recolhi-me uns momentos em diálogo com o Senhor à maneira de meditação e depois peguei no papel e lápis.

Pertinho de mim o Pinheiro toca o sarilho. Castelinho puxa as cubas de terra. Pascoal, no fundo da mina, cava e enche as cubas. Elísio veio agora com bois grandes trazer uma carrada de tijolo e foi buscar outra. Sérgio e Barbosa vão movendo entulho para os buracos. De tarde vêm os pedreiros fazer parede. Andamos à busca de água para as nossas necessidades.

Em casa, nosso Carlos Manuel, que tomou posse da escola no dia primeiro, ensina e orienta os trinta e cinco irmãos mais novos. As oficinas de carpintaria, seralharria e sapataria estão cheias de trabalho e rapazes a prepararem-se para a vida. Luiz e Manuel foram a Fátima a pé. Atino está doente nos hospitais da Universidade.

Os rapazes do Lar de Coimbra andam muito atarefados. O nosso Lar é um lar totalmente académico. Eles têm de arranjar livros e outros materiais precisos, como fazem sempre os pobres que os não podem comprar: pedem aos autores, pedem aos editores, pedem às livrarias, pedem à Escola, os vendedores de «O Gaiato» pedem aos fregueses, o Joaquim pediu à Fundação Gulbenkian e foi atendido.

Estas minhas duas primeiras semanas de Outubro têm sido mais para eles. E bem o merecem. Só os estudantes enciam a vida do pai de família. Este ano são vinte e um matriculados: três no Seminário Menor; cinco a fazer o liceu, frequen-

tando o Colégio Pedro Nunes, desde o 7.º até ao 2.º; onze no curso Industrial e Comercial da noite e de dia têm o seu emprego na cidade; o Crisanto matriculou-se na Escola do Magistério Primário e prepara as três últimas cadeiras do 7.º. Carlos Manuel, que também se matriculou na Faculdade de Letras, juntamente com as quatro classes da escola, prepara cinco para a admissão e já outros lhe pediram para os orientar no programa do 1.º ciclo.

Eu ando apaixonado por estes rapazes. Eu ando babadinho com a vontade que eles trazem de ser homens com letra maiúscula. Os mais velhos fizeram o seu retiro espiritual nos fins de Setembro. Eu ando feliz como pai nenhum. Fico-me a agradecer a Deus estes filhos que Ele me deu e tenho razão para isso.

Quem se atreverá a não amar a criança abandonada e os filhos de ninguém?

P.e Horácio

«Redondo» é o que trata dos porcos. Pelo que tenho visto, ele cumpre a sua obrigação, apesar da insuficiência mental.

Quando entrou na nossa Casa queria um tractor, um avião, e não sei que mais. Hoje, «Redondo» contenta-se em conduzir o carro de ferro que transporta o caldeiro das sobras, o que faz com perícia de quem pesca do assunto.

Ontem houve barulho no refeitório ao fim do almoço. É a hora de entregar o correio. O maioral, entrega uma carta ao «Redondo». Aberta a dita, foi lida em público, perante risos e gargalhadas dos ouvintes.

Soube que «Redondo» fazia anos. E os brincalhões do costume não faltaram. Eis o prémio: uma «carta de condução»! Ei-la:

### CARTA DE CONDUÇÃO

Polícia de Viação e Tránsito  
Decreto N.º 54.326  
Ano: 1964  
Dia: 18 de Setembro  
Nome: Alberto Redondo  
Idade: 17 anos  
Morada: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Lugar do Mosteiro — Curral dos porcos

Carta de Condução N.º 000000000001

autorizada pelo estado

O Engenheiro

(Carimbo da Tipografia)

E no meio de tudo isto, «Redondo» ficou todo contente e não larga a sua carta de condução.

«Piriquito»!... Quem é que não conhece o nosso «Piriquito»? Ele faz parte do grupo dos «batatas»! Acabamos de rezar o terço e ele ficou a

conversar com o Senhor Miguel que está de férias em nossa casa

Num dado momento, Senhor Miguel diz-lhe: — Vai dormir que os outros já foram todos — Mas você julga que está a mandar lá na tropa os soldados a fazer a «constinça»?... Eu só obedeco ó meu chefe.

Isto saído da boca do «Piriquito» é de rir e abismar.

Estávamos a almoçar. Um dos serventes é o «Caparica». Ele é tipógrafo. Muito risonho, passa ao pé da mesa onde como. Uma gravata em papel com escritos, fazia com que desse nas vistas. Senhor P.e Carlos repara e foi-se a desenrolar e a ler a escritura. Soube que naquele dia fazia anos que «O Gaiato» saiu pela primeira vez na nossa tipografia. E eles combinaram a melhor maneira de pedir um feriado. Senhor P.e Carlos chamou, um por um, os representantes das restantes oficinas, e pediu pareceres. E a coisa pegou... Senhor P.e Carlos assinou na dita gravata hora e meia de feriado aos digníssimos tipógrafos. Quando depois passei pelo edifício da tipografia, vi uma bandeira içada com escritos bem visíveis.

Eis as cerimónias burocráticas com que se metem pedidos nas nossas Casas. Isto é a organização da Casa do Gaiato.

Estava na Carpintaria. O ex-«Tira-olhos» também. Entrou um outro rapaz e chama: — Ó «Tira-olhos»!

«Tira-olhos» zanga-se e diz que é Júlio o seu nome.

Ele tem razão porque já está apurado para o serviço militar.

Fizam a saber desde já, que o «Tira-olhos» deixou de existir cá em casa, para dar lugar ao Júlio.

ERNESTO PINTO

## O QUE NOS DÃO

Hoje

Cont. da SEGUNDA página

nossa tipografia, a atestar a grande amizade de que naquela unidade fabril disfrutamos. Quem dera que todos assim pensassem!

Sacerdote de Leiria, 100; 5.º ano do Liceu Maria Amália, 1640; «os Amigos de Lisboa» 2599; alguém em Peniche, 100; «uma promessa a Pai Américo», 20; muito pão de Toreato Jorge, em Odivelas; um casal na sua «visita anual do dia 13», 500 e mais lembranças; B. N. Ultramarino 1000; cotização dos alunos da Escola Manuel da Maia, 1400; «pelos 20 anos da Bi», 100; «amigo dos tostões», 41\$; excursão de Caselas, 800 e muitos géneros; da Herdade de Carias o porco do costume, a provar uma

grande amizade por nós; D. Noémia, 150; Me. Kulen, 30; 20 da Ericieira. E a procissão nunca mais acaba. «Um amigo dos Gaiatos», 50\$; «Não pude ir à vossa festa», 20; de um casal amigo da Obra do Padre Américo, 800; de um velho amigo de Pai Américo, 500; de Moseavide, «agradecimento de exame da 4.ª classe» e «uma promessa», 500+150; Pároco de Oeiras, 1000; «com um bocadinho de ternura pelos queridos gaiatos», 60; «Pequena ajuda para darem aos Pobres»,

200; de Alcobaca 100; «Um mealheiro na Rua dos Retrozeiros, 40; para a «Rouparia», 100; «Uma mãe», 34; «por alma de Américo da Silva», 600\$00.

Hoje ficamos por aqui, porque se continuássemos, nunca mais nos apetecia parar. Temos aqui tantos testemunhos vivos da vossa amizade, que não conseguimos escolher um, ou uma carta, para dela inserir algumas linhas.

Na próxima oportunidade continuaremos a desfiar as contas deste tão grande rosário que é a vossa caridade. Por agora, levantemos as mãos ao Céu, agradeçamos a Deus tudo o que nos tem manifestado através dos homens.

Luís Gonsaga



# PELAS CASAS DO GAIATO

## TOJAL

Terminaram as praias deste ano. Todos tiveram oportunidade de passar uns dias à beira do mar, num clima um pouco diferente daquele em que normalmente se vive cá em casa. Ninguém desconhece a acção benéfica das águas do mar, e a influência do iodo no organismo humano. Por isso mesmo, procurou-se, e conseguiu-se, que todos pudessem beneficiar daquelas propriedades exclusivas da praia. Os pequeninos chegaram mesmo a repetir o seu período de férias, e como eles, alguns dos mais necessitados. Quem dera que a praia existisse para nós apenas com o intuito de recuperarmos um pouco as energias gastas num ano de trabalho nas oficinas, no campo, nos estudos, enfim, em todos os sectores da vida da casa. Mas a praia é algo mais. Para lá vamos também para apagar um pouco da mancha que evidenciamos, e que se reflecte numa má ou péssima compleição física, num atrasado estado mental, ou ainda, na conjugação destes dois defeitos. Não somos os culpados. Talvez nem apareçam nunca os mesmos. Mas temos de eliminar esses defeitos, e uma vez que os suportamos, avaliamos e compreendemos, que decerto nunca os quereremos transmitir a outros.

Passou o primeiro ano da entrada do sr. Padre Luis para esta casa. Não houve qualquer comemoração ou manifestação de tal facto, mas sem dúvida, o melhor que lhe poderíamos oferecer, aquilo que realmente lhe devíamos manifestar correntemente, era a nossa boa vontade, a nossa dedicação, a nossa compreensão. É certo que muito teremos de fazer ainda para atingirmos um plano de agrado. Mas Deus sabe que algo se fez no ano que passou. E por isso mesmo, temos de ir para a frente. Nunca parar. Estacionar é morrer. Não fiquemos a contemplar o esforço insano daquele que é o chefe de família, opondo a toda a sua perseverança e boa vontade, uma tibieza pernicioso; mas antes unamo-nos uns aos outros, para melhor podermos cooperar. Tem de partir de nós esta vontade própria. E todos os que compreenderem com a sua inteligência, façam com que a vontade adira a essa mesma compreensão.

Encerramos a crónica de hoje com notícias da campanha do selo. Muitas vezes quase nos esquecemos desta secção, mas, as presenças constantes dos nossos amigos não deixam que assim aconteça, e quando surge ocasião, imediatamente nos debruçamos sobre ela. E eis mais uma prova evidente do entusiasmo que a campanha tem despertado. M. D. de Santiago de Cacém, enviou-nos

muitos selos; M. Mesquita vários e 20\$00; Sr. D. Ondina, com o costumeado carinho, fez-nos chegar a sua colaboração com uma boa encomenda; 2 vezes do Ministério da Marinha; alguns da Ericeira; do grande amigo das Caldas, quase todas as quinzenas; Bernardino Maria entregou grande quantidade no lar; e Fernando de Almeida enviou-nos directamente do Porto, uma carta cheia. Enfim, um carinho e uma ternura manifestadas constantemente, através da campanha do selo. Obrigado a todos.

Luis Gonzaga

## MIRANDA

Vindima — Por toda esta semana que está a terminar decorreu a azáfama alegre da vindima. É deles em busca de cestos e caixotes, duns à cata de canivetes, doutros à procura de bagos que caem no chão. Em nossa Casa é assim: nada se pode e se deve desperdiçar.

Primeiramente foi o morangueiro: ocupou-nos uma tarde inteira. Os que estavam livres ao princípio da tarde, foram uns para o Olival do Ti Russo e outros para o Olival dos Poços. À tardinha os das oficinas vindimaram cá por baixo.

Ao morangueiro seguiram-se todos os outros cachos, alguns dos quais bastante apetitosos e bem doces, o que nos garante que vamos ter bom vinho, se Deus quiser. Os melhores, porém, os Moscatel, estão guardados no espigueiro.

Retiro — Esta tarde começa o retiro dos mais velhos cá de Casa. O Retiro é um acontecimento que marca porque, além de ser uma necessidade, é uma graça de Deus.

Todos os rapazes estão com vontade e conscientes daquilo que vão fazer. O fim do nosso Retiro — eu falo por mim e outro, certamente, diria o mesmo — é ganhar forças para alentar a nossa vida numa nova etapa que vai começar.

Para a outra vez falar-vos-emos dos frutos.

Officinas — As que têm mais andamento são a serralharia e a carpintaria. Eu como na mesa ao lado do Zé Claro, o rapaz mais velho dos serralheiros, o responsável, portanto, pela sua oficina, e dizia ele há dias:

— Nós, se aceitássemos mais encomendas, tínhamos aí que fazer para mais de um mês!

Mas as encomendas vêm e podem vir quantas os senhores quiserem porque os serralheiros não se atrapalham: o Zé Claro, ainda não são 8 horas da manhã já está na oficina e antes e depois do terço lá anda ele em volta do torno.

O João estava agora a fazer o 16.º perno para umas rodas. «Saquinhas», ao lado, apreciava para certamente um dia poder fazer como ele.

«O Tónio» de vez em quando vai dar uma volta p'la casa à procura de nicas, pois parece não gostar de trabalhos pesados. De uma vez estava ele a soldar, chega-se o Sr. P. e Horácio junto dele:

— Então que bugiganga estás a fazer?

Agora, meu amigo, vê-se negro com os serralheiros que de vez em quando o começam a gozar. Mas ele não se enrasca.

Na carpintaria, Ti Jesus, o mestre, mai-lo Grilito, maneiam-se de volta de um carro novinho em folha; Carlitos, que veio do Entroncamento com um mês de licença, está agora a serrar madeira.

Falta falar aqui no «Manteigas», serralheiro e no Mota «Zé Bolas», Carpinteiros, que foram vender o Famoso. O primeiro e o último para Coimbra, o outro para Tomar. Eu, se não fosse este retiro, lá estaria

batido mais o «Satélite» em Leiria, a cidade em que vendemos.

Na sapataria, Fernando, o chefe maior, não sabe o que há-de fazer a tanto sapato estragado.

Há dias perguntei-lhe:

— Olha lá, então não me arranjas os meus sapatos?

— Olha a máquina precisa de uma caneleira, e eu sem ela não os posso arranjar.

Portanto vejam se arranjam uma caneleira para remediar os meus e os outros sapatos.

Fim de época — O verão acabou mas ainda deixou résteas dum mundo de trabalho que por aí havia. O milho está quase todo arrecadado e o feijão idem. A fruta, essa, já desandou toda.

Agora são os miuditos a desfiar capas, Zé António a metê-las logo para os colchões que foram todos cheios de novo, outros a cozê-los.

O Grupo do Zé António anda de volta da limpeza das casas.

Luis anda a lavar as terras para semear erva e assim tudo se prepara para um novo ciclo.

António Ferreira da Silva

## BELEM

A nossa casa — A nossa casa fica situada num lugar soalheiro. Do lado do norte temos um

pinhal onde vamos apanhar caruma. E dos outros lados temos uma grande quinta onde se plantam e semeiam muitas coisas, como: batatas, milho, feijão, cevada, couves, nabos, etc. Também temos muitas árvores frutíferas, entre elas muitas macieiras e pereiras. Ao fundo da quinta passa a linha do caminho de ferro onde passam todos os dias os comboios que nós gostamos muito de ver.

Por dentro tem, ao lado esquerdo, a escola, dois quartos, uma salinha e a sala de jantar que está muito bonita. Está encerada e as mesas e os bancos também. Ao meio tem um corredor. Do outro lado tem o escritório, a cozinha, a casa de costura, o quarto de banho e outro quarto. No andar de cima tem um corredor, três quartos, um quarto de banho e forros onde se guarda muita coisa. Nas adegas estão batatas, abóboras e fruta.

Todas as portas da casa estão pintadas de verde e as paredes caiadas de branco. As portas das coelheiras, das pocilgas e da cabine foram este verão pintadas de vermelho, o que torna a quinta mais alegre.

Nestes dois meses andou-se a fazer melhoramentos pequenos. A nossa Mãe mandou fazer uma valeta para a água não ir para as adegas.

Sãozita

Visado pela  
Comissão de Censura

## CARTA DE BENGUELA

Eu tenho dois meses de África; porém, para mim, assim não é. Tenho sim dois meses dum fervor intenso em servir a nossa Obra aqui, nesta terra, onde tantos vêm nela muito de diferente daquilo que ela é realmente.

Dizia-me alguém que «só haverá paz no mundo quando houver paz nas consciências de cada homem». Mas a paz das consciências tem de vir do amor entre os povos e do amor aos outros. Eu sinto que algo posso dizer sobre ele. Sinto hoje no meu coração de 23 anos, que tudo é fácil quando fazemos do amor o elo entre todos os que nos rodeiam. Amar — eis, pois, a questão: Amar aqueles que precisam e não precisam; amar os poderosos e os pequeninos; amar tudo e todos; e fazer Cristo sempre actualizado. Ai que dor nos corta, por ver que tanto se podia fazer e não se faz, só porque se não ama. O egoísmo e o orgulho penetram sem deixar que o amor viva para a realização daquilo que é devido. Pois nestes dois meses de amor, tenho visto muito que me alegra e reparado bem em muito que me choca.

O coração, por vezes sensível, sente que há carência de amor aos outros. Se todos se amassem, caminhávamos para aquilo que fomos criados e então veríamos os grandes baixando-se e dar a mão aos pequenos; veríamos sim, a alegria do dar daquele e a ventura feliz do receber deste. É um testemunho o que afirmo. Tenho aprendido muito ao serviço do amor e sou muito feliz na missão de amar. Quantas provas temos nós aqui recebido de amor e por elas vamos nós amar outros.

A nossa Obra é um grito constante do amor. Pai Américo viu e sentiu que só ele, o amor, poderia operar a realização duma Obra, não só para os protegidos, mas também para os benfeitores. Vamos portanto amar, senhores, começando por aqueles que mais precisam, os mais desprezados, os que não sentem conforto em seu redor, os que já não crêem no amor dos homens.

Amem também através de nós; ajudem a lançar o grito de amor e a ser felizes connosco. Nós amamos!

Quem mais quer amar?

AMÉRICO DOS SANTOS

## Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

que os seus pupilos um nadinha. Uns dias antes, entrara na oficina um novo aprendiz. Começa, como é normal, pelos serviços mais rudimentares. Assisti, por sorte, a uma lição. Vi o Almerindo, o «mestre», a pegar no fio e colocá-lo nas mãos do novo aprendiz, o «Beto». Deliciei-me a saborear

a paciência e o cuidado com que o fazia. Encostado a um armário, como quem não liga importância ao que se passa, ali me detive minutos seguidos.

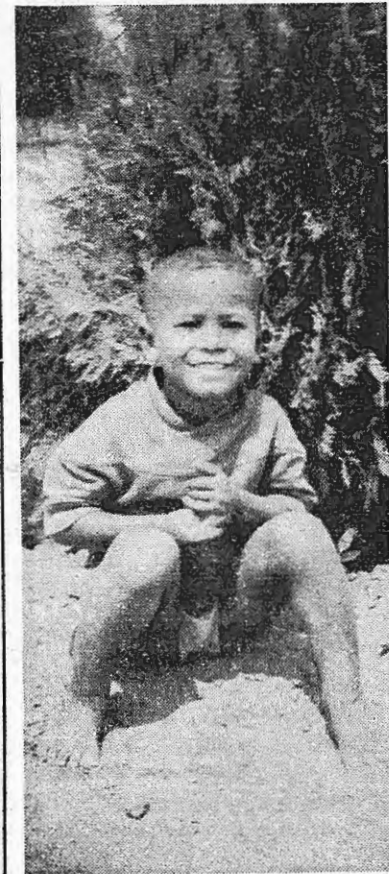
E se o «mestre» fosse um «senhor» de fora?... «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Isto é a Casa do Gaiato.

\* \*

A vossa presença em nossas necessidades é motivo de alento. Só este testemunho, entre muitos outros, que vem de uma mãe de família: «Depois de «uma volta» pelas gavetas de meus rapazes... saíu o que segue junto. Este mês, na devida altura, seguiu tecido para camisas... Como sou mãe de família, espero não me enganar muito no que fôr mandando para aí. Porque não lançar uma campanha pedindo às mães de família, às donas de casa que, quando forem fazer as suas compras, as compras mensais para o fornecimento de suas casas, se lembrem dos seus gaiatos? O que custa sacrificar (se se pode chamar «sacrificar») umas guloseimas ou outras coisas de menos utilidade?»

Aqui fica a sugestão. Sabemos que em algumas firmas os empregados se cotizam mensalmente para nos mandarem o nosso quinhão. O quinhão dos pobres! Quem o não pode incluir no seu orçamento?!

P. e Manuel António



Que lindo o Zé Maria! É o «cobreiro» mais pequenino da Casa do Gaiato de Benguela.

